

REGENERADOR — LIBERAL

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Typographia e impressão
Rua D. Antonio Barroso, 29-31

Redacção e administração
Rua D. Antonio Barroso

Editor responsável
FERNANDO MONTEIRO

Escolas Agrícolas

“Maria Christina.”

Estão funcionando entre nós, com uma concorrência regular, mas não tão grande como se desejava.

E' para lamentar sinceramente que muitos dos nossos proprietários mais importantes, principalmente os residentes nesta villa, não liguem a estas escolas a consideração que merecem.

E' verdade que não temos completamente motivos de queixa. Grande parte dos nossos proprietários assistem ás aulas; mas deviam apparecer mais.

Já não queremos referir-nos ás aldeias. E' diminuto o numero dos lavradores que têm frequencia assidua.

Matricularam-se bastantes, mas apparecem poucos.

O nosso enthusiasmo, como bem dizia o sr. Queiroz na abertura das aulas, é crescente e ao mesmo tempo decrescente.

E a razão?

Porque não ha vontade.

O lavrador, como já dissemos algures, vive continuamente agarrado á gleba, fustigado pelas chuvas e pelos ventos, systematicamente preso aos velhos processos, sem jamais enxergar no horizon te do seu cerebro acanhado um raio de luz a acelarar-lhe o espirito, a alumiar-lhe dias melhores.

O lavrador não ama a terra. Trabalha-a por obrigação, e não por gosto; porque receia o dia de amanhã, não porque julgue ser esse um dever salutar; porque não pode desempenhar um emprego mais leve, e não porque esteja capacitado de que a terra é hoje a unica fonte de riqueza possível, a unica receita que nos ha-de salvar nesta enorme crise financeira que nos ameaça.

O lavrador, principalmente o mais rude, constitui hoje um ponto de transição entre o *Simius* e o homem civilisado. Vive da imitação. E' um antropopitico mais aperfeiçoado.

Não ha ordem, não ha tendencias para a perfeição,

não ha innovação alguma nos processos agrícolas.

E' tudo rotineio. O progresso anda muito ausente.

E quando elle se aproxima, como agora, fôge-se, olha-se de longe e ri-se.

A sciencia applicada á industria e á agricultura, tem avançado prodigiosamente. Temos apparatus aperfeiçoadissimos para a lavoura.

Mas rejeitam-se e consideram-se inefficazes, pela simples razão de que ninguem se dá ao cuidado de experimentar as vantagens delles.

E ha homens de illustração tão firmemente radicados nos velhos principios, que não ha demovê-los.

E não obstante o sol só não alumia a quem, propositadamente, fecha os olhos.

Como certos animaes, ha homens que só vivem bem nas trevas.

Pois é tempo de se acordar; é tempo de se pensar bem a serio na questão social, que só se hade solver com o desenvolvimento progressivo e eficaz da agricultura, pois que desta depende tudo.

Sem pão não se vive. Não se trincam mineraes nem se rillham artefactos de qualquer especie. O pão é o grande problema.

Aprenda-se a cultivar a terra.

O lavrador, que despreza agora estas escolas, é bem digno de que, nos dias de fome, se lance ao desamparo. Trabalhe-se, mas primeiro aprenda-se a trabalhar.

Só havendo muito gosto e muito boa vontade, podem estas escolas fructificar.

Os caixeiros

Volta esta laboriosa classe a trabalhar persistentemente na consecução do descanso dominical por lei.

Nós, que temos por essa classe a maior das sympathias e porque nos causa verdadeiro interesse a sua justa aspiração, acompanhamos, com o mais decidido apoio, a sua reclamação aos poderes publicos, pois que, diga-se em abono da verdade, nenhuma outra classe tem mais direito a um dia de repouso em cada semana do que a dos caixeiros.

Esta classe — cujos membros estão continuamente amarrados ao balcão,

dormindo, por vezes, em uns carcereiros infectos, onde a luz lhes é fornecida por uma pequena abertura rasgada na parede ou no tabique, e onde o ar entra a custo e em diminuta quantidade, muitas vezes impuro e quasi irrespiravel, — tem como nenhuma outra, repetimos, direito incontestavel a um dia de repouso para recuperar as forças esgotadas nas lides constantes de uma semana inteira.

A Hespanha, que nos parecia retrogradar ante a marcha progressiva dos nações cultas, acaba de por um modo distincto e equitativo demonstrar o contrario, decretando, por uma lei especial, o encerramento geral de todos os estabelecimentos aos domingos e dias santificados, prohibindo, tambem, o trabalho nas officinas, nas docas, etc.

Esta lei, que começa a ter plena execução no dia 11 do mez corrente, é o resultado dos *meetings* realisados pelos caixeiros e pelos operários em diversas terras da nação visinha.

O operariado e os caixeiros, todos unidos, fizeram representações collectivas ao senado e ahí, dada a sympathia da causa, apenas um pequeno numero de membros d'essa casa publica deixou de defender a pretensão dos trabalhadores hespanhoes.

Maura, chefe do actual gabinete hespanhol, e o rei Alonzo XIII, ao apresentarem-se no senado, declararam peremptoriamente que a causa dos dependentes do commercio lhes era tão sympathica e que a consideravam tão justa que, opportunamente, trariam ao senado uma proposta de lei que satisfizesse por completo os desejos dos trabalhadores. E assim o fizeram. Pouco tempo depois os senadores discutiram e approvaram a lei do repouso dominical que, como já dissemos, começa a ter plena execução no dia 11 d'este mez.

Maura *prometteu uma só vez*, e essa promessa cumpriu-a!

O sr. Hintze e seus collegas quantas vezes têm prometido interessarem-se pela causa dos nossos caixeiros sem que nada tenham feito!

A reclamação dos caixeiros, por elles brilhantemente fundamentada e sustentada, precisa de ser resolvida na proxima legislatura; não é ella uma questão tão complexa nem tão difficil de resolver que precise de muitos estudos. Demais, o paiz inteiro, creemos poder affirmar-o, não se manifestou nem se manifestaria contrario á lei do repouso dominical ou hebdomadario.

O commercio em geral, a quem tambem interessa essa medida, pois que tambem precisa de repouso das suas fadigas d'arias, que são bem pesadas, receberá com a maior satisfação a promulgação da lei ambicionada; e a prova d'isso que é bem evidente, está em que até hoje nenhum negociante ou industrial se manifestou contrario á petição dos seus caixeiros e operarios, porque a entendem justa.

E á vista de tudo isto, da justiça reconhecida á causa dos empregados do commercio, que de resto é do commercio inteiro, o governo e as camaras electivas deixarão de discutir e approvare quaesquer dos projectos de lei o anno passado apresentados?

E' tempo de se resolver a questão.

Ramalhete.

NOTAS A ESMO

Escreyo-lhes da Apulia, de sobre uma rocha, á beira-mar, em companhia de dois amigos, sob a penumbra nostalgica de um sol entre-nuvens, quasi a esconder-se, e zurdido pelo vento que sopra rijo.

Um dos meus amigos pucha d'um jornal, e começa a ler, enquanto o oceano canta.

—Que jornal é esse?
—E' o «Deus e Patria.»
—Oh! vamos a ouvir-o.

Elle dobra e desdobra, ate que pára meio-aterrado.

—Que grande espinha!
—Então que é lá isso?
—E' o que aqui diz: *Que grande espinha!*

E depois foi lendo um mistiforio de palavras — vomitos, dores, espirros, espinhaço, esophago, etc.

—Que lenga-lenga é essa?
—Eu sei lá!

— Isso explica-se, volta o outro meu amigo. Trata-se de uma *espinha* entrancada na garganta. Nada mais natural. Ainda no outro dia me succederu isso, e tive de gritar por S. Braz. Com quem isso se não dá é com os herbivoros.

—Olha o milagre! repliquei eu.
—Mas espera lá, um aparte agora. Tu serás capaz de me decifrar este enigma?

—Vamos a isso.

—No dia em que me retirei, ao passar na rua direita, em Barcellos, vi uma mulher, com um cesto de herva á cabeça, entrar por uma porta dentro. Reparei e era a sede de uma associação *religiosa*. Atraz da mulher, muito esfaldados, entraram o confimmo e um *má-lingua*, pertencente á mesma.

—E d'ahi?
—Vá lá se dá os *vinto*.
—Eu fico no *trinta*.

—Vamos adiante — brada o que estava lendo; — falla aqui em *permicias*; que será isto?

—E' da cartilha — exclama o outro meu amigo; — lá diz: — pagar os dizimos e primicias. . .

—Então elles querem que paguem alguma coisa para o Circulo. . . Não é isso; aqui vem *permicias*! — Olha que então é da logica, repliquei eu. Não fala em premissas quando trata de syllogismo?

—Estaes mangando. *Permicias* diz aqui. Isto é coisa que elles lá entendem.

E n'este ponto avista-se ao longe, muito confuso, na neblina, um barco vagaroso.

Erguemo-nos.

O oceano, inquieto e incangavel, parecia dizer-nos: Este universo é um grande templo.

A oração deve evolvar-se pura dos labios, como as agnas se evaporam limpidas do meu seio. . .

A noite caia silenciosa. Surgia no espaço a lua, muito pallida.

O jornal voara por sobre a areia. Uma vaga arrastou-o. E eu pude avistal-o, ainda, á luz do luar, boim-do nas ondas, parecendo dizer-me:

—Sou um pedação de materia inerte. Eu não tenho culpa, não tenho culpa!

Ante-hontem pude decifrar, a muito custo, estes versos escriptos a lapis n'uma barraca, já quasi apagados:

A. A. M.

Como eu te amava mulher,
Como tu serias boa,
Se tu não fosses mais feia
Do que o diabo em pessoa.

Deixar-me-ia matar
Só por esse lindo pé,
Se tu não fosses mais velha
Do que a arca de Noé.

Uma boa declaração de amor, não haja duvida.

Aquelles dois A. A. e o M. dão-me que matutar, por causa d'uma quadra que tenho em meu poder, e em cuja dedicatória apparecem tambem aquellas lettras.

Ella ahí vai, para confrontar:

A' minha Celia filha do meu amigo.

A. A. M.

Que bellos dezeseis mezes,
Cheios de vida e fulgor,
Tão repletos d'innocencia,
E aureolados d'amor.

Barcellos. J. T.

E por hoje mais nada.
Vou partir já para as Necessidades, a ver se ainda apanho algum foguete.

Hyssope.

EPOCA DA VINDIMA

Fixa-se esta epocha por meio de instrumentos especiaes — glúcometro de Guyot e mustimetro de Salleron.

O primeiro em que fallamos (glúcometro) tem tres escalas: branca — indicativa da percentagem alcoolica; azul — da quantidade do assucar; amarela — da densidade. O segundo (mustimetro) tem uma escala a que pertence uma tabella em francez que acompanha o instrumento, prestando as mesmas indicações.

Chegada a epocha habitual da vindima, colhem-se uvas das principaes castas do vinhedo, espremem-se bem, coa-se o sumo obtido, deitam-se n'um tubo (proveta), mergulhando n'elle um dos citados arcometros ou densímetros. Toma-se nota da densidade e da hora a que se fez o ensaio. Consoante o calor puxa mais ou menos, assim se repetem os ensaios de 2 em 2 ou de 3 em 3 dias.

Quando em 2 ensaios seguidos a densidade não varia, a uva tem o assucar todo criado e é, por isso, vindimavel. N'essa occasião poderemos ajuzar da força alcoolica, notando o n.º da escala branca e diminuindo-lhe 2. Marca por exemplo, 9; o futuro vinho terá 7 graus d'alcool.

Se as uvas forem doces de mais para dar um vinho de

pasto da rasoavel força alcoolica, é preciso que sejam colhidas mais cedo; para isso basta sabermos que a 18.^a d'assucar do glucometro, ou ao n.^o 1075 do mustimetro, correspondem 10.^a d'alcool, força minima para os vinhos de pasto e que a 23 d'assucar no glucometro ou a 1095 do mustimetro correspondem 13.^a d'alcool, força maxima para os vinhos de pasto.

É conveniente dizer-se que o n.^o 1000 da escala do mustimetro corresponde ao zero (0) da escala do glucometro.

Se se quizer elevar a força alcoolica a um vinho fraco, poderemos fazel-o com a addição do assucar.

É sufficiente saber-se que 1,700 gr. d'assucar fazem subir 1 de alcool a cada 100 litros de mosto. O assucar a empregar deve ser de canna ou beterraba. Os xaropes e melações não devem ser usados, por poderem prejudicar o vinho na sua qualidade, devido, a qualquer impureza que contenha. Attendendo a que o assucar de canna ou de beterraba (saccharose) não é chimicamente igual ao assucar da uva (glucose), costuma-se inverter aquelle, para o appoximar tanto quanto possível do outro. Para isso basta dissolver o assucar em agua acidulada pelo acido tartarico. A solução é a seguinte: 1 kilo d'assucar, 2 litros d'agua, 10 gr. d'acido tartarico.

O nosso adversario, porém, não leu nem entendeu o que diziamos. Por outra:
— Não quizer ler nem entender. Vamos provar isso, começando por lhe dizer que foi **desleal**. O nosso adversario imputa-nos estas palavras.

«E' muito catholico...» mas diz que essa propaganda era coisa de pouca importancia, que apenas merecia uma simples referencia.
Onde leu aquillo sr. adversario? Talvez em outro jornal da localidade; em o nosso, nunca!

Já vê, pois, que todo o arazoado, que tece em volta d'isto, é falso.

O nosso adversario não foi **sincero**. Num certo ponto revolta-se contra um argumento apresentado por nós, dizendo-o «coxo de ambas as pernas», etc. Vejamos: Nós tinhamos protestado contra a alludida local do **cacete** em nome das leis do Estado e em nome da Auctoridade. Mas como não argumentavamos em forma syllogistica, o nosso adversario não **entendeu**, ou não quizer **entender**.

Veja se percebe agora.
— O Código Penal pune os propagandistas anti-catholicos; — mas só a Auctoridade pode fazer cumprir o Código Penal;
— logo só a Auctoridade pode punir os propagandistas anti-catholicos.

Estará certo? Se está, facilmente se pode concluir tambem que, quem não for Auctoridade, não pode punir os taes propagandistas.
Ainda mais:
— Todo o castigo que não vier no Código Penal, constitue um crime;
— ora o uso do **cacete** não vem no Código Penal,
— logo o uso do **cacete** constitue um crime.

Não é difficil deduzir que, se aquelles senhores levassem a effecto a sua resolução, commetteriam um duplo crime.
1.^o Atribuindo-se um direito que só á Auctoridade pertence.

AO ORGÃO DO «CIRCULO»

Se houve, se ha e se houver na imprensa catholica, quem abnegue a urbanidade que convem no trato com gente educada, somos os primeiros a lastimar esses procedimentos indignos de catholicos e de jornalistas.

(Diogenes).

Palavra, n.º 68, anno XXXIII.

Aquellas palavras liam-se, ha dias, num jornal catholico, do Porto.

A que proposito vinham para aqui transcriptas, que o diga o nosso adversario do orgão do «Circulo».

Os nossos leitores devem já conhecer esta questão.

Em um dos ultimos numeros deste jornal, insurjiamos contra uma local do orgão do «Circulo», em que se dizia, que **quatro filhos desta terra** estavam preparados para se servirem da **rethorica de cacete** contra certos propagandistas protestantes.

De maneira que tratamos simplesmente disto: provar que aquellas palavras eram improprias dum jornal catholico e de quem vive em terra civilizada.

O nosso adversario, porém, não leu nem entendeu o que diziamos. Por outra:

— Não quizer ler nem entender. Vamos provar isso, começando por lhe dizer que foi **desleal**.

O nosso adversario imputa-nos estas palavras.
«E' muito catholico...» mas diz que essa propaganda era coisa de pouca importancia, que apenas merecia uma simples referencia.

Onde leu aquillo sr. adversario?

— Talvez em outro jornal da localidade; em o nosso, nunca!

Já vê, pois, que todo o arazoado, que tece em volta d'isto, é falso.

O nosso adversario não foi **sincero**.

Num certo ponto revolta-se contra um argumento apresentado por nós, dizendo-o «coxo de ambas as pernas», etc.

Vejamos: Nós tinhamos protestado contra a alludida local do **cacete** em nome das leis do Estado e em nome da Auctoridade. Mas como não argumentavamos em forma syllogistica, o nosso adversario não **entendeu**, ou não quizer **entender**.

Veja se percebe agora.
— O Código Penal pune os propagandistas anti-catholicos; — mas só a Auctoridade pode fazer cumprir o Código Penal;
— logo só a Auctoridade pode punir os propagandistas anti-catholicos.

Estará certo? Se está, facilmente se pode concluir tambem que, quem não for Auctoridade, não pode punir os taes propagandistas.
Ainda mais:
— Todo o castigo que não vier no Código Penal, constitue um crime;
— ora o uso do **cacete** não vem no Código Penal,
— logo o uso do **cacete** constitue um crime.

Não é difficil deduzir que, se aquelles senhores levassem a effecto a sua resolução, commetteriam um duplo crime.
1.^o Atribuindo-se um direito que só á Auctoridade pertence.

2.^o usando de meios não previstos no Código.

Quid erat demonstrandum. Poderam estas consequencias ser illegitimas, porque o erro é proprio do homem.

Mas vejamos como o nosso adversario se defende.

Depois de referir o caso dos propagandistas, e da maneira como elle o encareou, affirma ainda:

«... aponta-se o que a Igreja em taes casos ordena aos fieis.»

Muito bem!

Ou o nosso adversario está fora da questão, ou não está.

Se está, seria melhor ter-se calado.

Se não está, nós argumentamos assim:

— O nosso adversario aponta o que a Igreja, em taes casos, ordena aos fieis;

— ora o nosso adversario aponta o uso da **rethorica de cacete**.

— logo a Igreja ordena, em taes casos, aos fieis, o uso da **rethorica de cacete**.

Esta conclusão é legitima.

O nosso adversario não queria dizer isto, com certeza; logo está fora da questão. E portanto labora numa **ignorancia de elenco**, como em logica se diz.

O nosso adversario, pois, não foi **digno**. Fugiu, acobardou-se.

Quer-se desculpar, dizendo que não aconselhou o uso do **cacete**.

Não é desculpa. Aquillo não se dizia, e muito menos se escrevia num jornal catholico.

E terminamos. Com esta gente não se pode discentir.

Mas sempre avisavamos o nosso adversario de que, se outra vez intentar dirigir serenos, o faça de luva branca, mais correctamente, e com mais verdade e criterio. Não se esquega de que a Lealdade, a Sinceridade e a Dignidade são as virtudes cardaes do jornalista. Se assim o fizer, encontrar-nos-ha sempre dispostos a entrar numa luta honesta e seria.

Quanto a outras amabilidades com que nos brinda, só lembramos ao nosso adversario estas palavras do Evangelho (que tanto ignoramos!): «*Qui disserit fratri suo raca...*» etc.

E temos dito.

Apprehenção

Os empregados da fiscalisação dos impostos apprehenderam ao sr. João Baptista Fernandes, pyrotechnico, de Roriz, o fogo d'artificio que elle forneceu para a festividade que na passada terça-feira se realisou no Amparo, na freguezia d'Apulia, visto elle não se achar munido da respectiva licença.

DESLEALDADE

Sallentamos a deslealdade do nosso adversario do orgão do «Circulo», que faz nossas estas palavras:

«... diz que essa propaganda era coisa de pouca importancia, que apenas merecia uma simples referencia.»

Estas palavras pertencem á «Folha da Manhã».

Houve receto de se referirem a ella directamente?

Pois não vêm para boa pasta, amigalhões.

A NOSSA NORMA

Os termos em que se nos dirige o orgão do «Circulo» parecem uns verdadeiros «vomitos» de cocheiro avinhado.

Esgotou-se o vocabulario regetesco.

— *Sapateiro, analphabeto, liberalões, fim perverso, ineptos, fazer de laralhão, boliceas, tolosas*, etc., etc.

Tudo o que lhes lembrou.

Estes termos, ás vezes, parecem attingir pelo lado pessoal.

Para sermos justiceiros deviamos pagar-lhe na mesma moeda.

Não o fazemos porém; não o fizemos nunca, não o faremos jámais.

Se nos virmos obrigados a entrar numa questão pessoal, não será isso no campo da imprensa.

Temos a consciencia plena dos nossos actos, e conhecemos bem o cargo que desempenhamos neste lugar.

Acima de todas as violencias e de todos os rancores está a honra, está o bom nome, está a sanctidade da causa que se defende. E acreditamos bem que nada deve ser mais nobre, justo e sauto que a imprensa.

Se alguém a deturpa, não foi esse, nunca, o nosso proceder.

Percorram-se todos os numeros do nosso jornal e veja-se se alguma vez quebramos a nossa norma, que ainda repetimos quando este jornal entrou no 2.^o anno da sua publicação, e que novamente meditamos:

«Cumpra, tambem, que se registre a boa camaradagem, que, inalteravelmente, temos mantido com os nossos estimados collegas na imprensa—facto tanto mais caracteristico da correcção que nos impozemos, quanto não raro vemos liquidar-se por este meio questões que brigam fundamentalmente com as boas normas jornalisticas e com as razões da sua propporancia nas modernas sociedades e que — começando por simples desabafo de momento—attingem muitas vezes uma tal nota de violencia e descompostura de forma e de processos, que, francamente, é incompetivel, no estado actual da civilização, com os credits d' um paiz medicamente cotado e culto.»

E' isto.
Entendemos que, se alguém deavassa a vida occulta d'outrem, esse alguém rebaixa-se e degrada-se a si mesmo.

Consultorio

Abriu o seu consultorio medico na rua Infante D. Henrique o sr. dr. Luiz da Cruz Ferreira, intelligente clinico.
Dada a sua competencia profissional, prevemos-lhe larga clientella.

Festividades

Realisa-se hoje nas Necessidades (Barqueiros) uma luzida festividade, a que dão o nome de *Festa Pequena*.

Toca a banda dos Voluntarios.

Tambem se realisa hoje em Milhazes uma brilhante festividade em honra dos SS. Coração de Jesus e Maria.

Tocam a banda dos Voluntarios e a de S. Vicente de réas.

No proximo domingo verifica-se na freguezia de Perehal a costumada romaria de N. Senhora do Alivio.

Toca a banda dos Voluntarios e a de Villar do Monte.

MORALIDADE DO ORGÃO DO «CIRCULO»

Não virão nunca fora de proposito, neste lugar, as palavras com que o orgão do «Circulo» se referia aos propagandistas protestantes:

«Já se tinham reunido quatro filhos d'esta terra para lhes dar uma lição bem dada, não com rethorica, mas a cacete.»

O jornal onde vinha isto intitula-se «Pens e Patria».

Qual será o Deus e a Patria destes senhores?

Necessidades

Esteve concorridissima a importante e tradicional romaria e festa de Nossa Senhora das Necessidades, realisada na freguezia de Barqueiros nos dias 7 e 8 do corrente mez.

O arraial esteve animado. Viam-se ali muitos potequins, carros com melões e melancias, enfeitados, restaurantes ambulantes, etc.

A illuminação produziu um lindo effecto, sendo queimado bastante fogo do ar e prezo. Durante o dia funcionou o teatro-barracão, levantado no largo do Terreiro.

No dia 8 houve a costumada solemnidade religiosa, com todo o luzimento.

O templo estava bellamente decorado.

Tomaram parte na festividade as bandas da Povoá de Varzim e dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos.

No local estava uma força militar.

Fallecimentos

Na segunda-feira ultima falleceu em Barcelinhos o sr. João d'Oliveira, distribuidor do correio.

Era ainda novo e foi victima da tuberculose.

Em a semana passada finou-se nesta villa a esposa do sr. Antonio José Alves do Valle, proprietario da Livraria Valle.

Aos doridos os nossos peza-mes.

DE RICOCHETE

Vamos explicar uma interessantissima e tristissima *piada*, adduzida pelo orgão do «Circulo», que parece estar todo *espinhado* connosco.

Reduz-se ao seguinte:
— Um certo homem, amigo do alheio, estranhou que o publico murmurasse delle continuamente, e dirigiu-se a um individuo, bem cotado, a consultar-se.

— Não sei que mal tenho feito a esta gente, ninguém me pôde ver. Eu sou *nelliçioso*, não faço mal a ninguém. Só se têm inveja de ver augmentar a minha fortuna.

— «Não é por causa do augmento da sua fortuna, — replicou-lhe o tal individuo; — dizem que vocecê é pouco *serio*.»

Sublinhamos a palavra *serio*.

Comprehendam bem os leitores esta *piada*:

O homem que se via apurado pelo publico, no caso presente, estabelecendo bem o paralelo, só pode representar o orgão do «Circulo». Supponhamos que o individuo que elle foi consultar representa um advogado.

Disse-lhe este: Não é pelo augmento da sua fortuna: é porque v. não é serio.

75

O quociente (4) indica o n.^o de litros de alcool a juntar por 100 litros de mosto.

Isto é d'elles!

«Já se tinham reunido quatro filhos d'esta terra para lhes dar uma lição bem dada, não com rethorica, mas a cacete.»

Hermes do mar, nobre povo!... (musica da «Portuguezas»)

E o órgão do «Circulo» conclue: «Estamos no mesmo caso: não foi o local que promoveu os gritos na «Liberal», foi...» (três pontinhos).

Foi o que?
A local está para o órgão do «Circulo» como na piada está para o «homem amigo do alheio» o augmento de fortuna. Ora a conclusão da phrase que elle não terminou, deve ser assim:—foi porque dizem que não é serio.

Quem?
Se a falta da seriedade, na tal piada, é imputada ao homem, que se foi consultar, na applicação, que o órgão do «Circulo» lhe dá, deve ser imputada, tambem, ao jornal, onde vinha a local.

Portanto a phrase deve-se concluir assim:

«Não foi a local que promoveu os gritos na «Liberal», foi o nosso jornal não ser serio».

Isto porque o consequente deve ser da mesma natureza do antecedente. E' tambem da logica.

E se isto não é claro como agua não sabemos o que é ser claro.

E' bem verdade:—«Dens escreve direito por linhas tortas.»

Desastre

Dois casos lamentaveis e verdadeiramente tristes succederam na penultima semana.

Um accedente em S. Pedro d'Alvito, causando ali profunda impressão.

Dois rapazes, sobrinhos do lavrador Antonio Felgueiras, faziam conduzir um carro de podas de videira. Ao passar por um portal, verificou-se que—pela altura da lenha—o carro não podia seguir. Um dos rapazes, o José, para conseguir a passagem, subiu acima do carro e calçou as podas; nesse momento, porém, a padieira que conduzia o portal desabou, caíndo-lhe sobre o cráneo e produzindo-lhe uma morte instantanea.

—O outro succedeu em Oliveira. José Maria Ferreira procedia á limpeza d'un pogo. Sua mulher, com um sarilho proprio, travava para fora cestos d'entulho. D'um dos cestos, que trazia mais carga, resvalou uma pedra, que, caíndo sobre a cabeça do Ferreira, lhe fracturou o cráneo no parietal direito, causando-lhe a paralytia dos membros.

O infeliz recolheu ao hospital da Misericordia, sendo pensado pelo sr. dr. João Cardoso, mas na terça-feira ultima passou á eternidade.

Os parvonios

Principiava assim a local do órgão do «Circulo»:

«Na garganta do «Regenerador-Liberal» cá da parvonia...»

Parvonia?

Que ideia formarão aquelles senhores da nossa terra?

Bem se vê que a julgam uma verdadeira parvonia, de contrario nunca teriam saído do esconderijo.

Mas parvonios sejam elles e toda a sua geração.

Pois então!
Ora o figurão!..

Bem diz uma auctoridade competentissima!

«isto começou bem; passou a andar mal; agora está máu.»
D'aqui para onde irá?

Phosphoros

Continúa a Companhia dos Phosphoros a não expor á venda os chamados lumes baptos apesar de a isso se obrigar no respectivo contracto.

No seu deposito, nesta villa, existem alguns, mas não se vendem por recommendação da Companhia.

Só os mostram quando ahí apparecem os empregados a fiscalisar.

Isto não pode continuar, é preciso metter a companhia na ordem.

Providencias srs. do governo!

Jardim publico

A excellente banda dos Bombeiros Voluntarios, sob a competente direcção do nosso collega Domingos Carreira, executou na passado domingo, desde as 7 as 9 horas da noite, no passeio publico, um selecto repertorio.

O jardim estava muito concorrido, e a noite apresentou-se nos agradavel.

A peça «Salon automatico», executada pela banda militar hespanhola que tomou parte nos festejos baptistinos em Braga, agradou muitissimo, merecendo, por isso, grandes applausos do publico, que a fez repetir.

A banda mostrou mais uma vez os progressos que tem tido, devidos aos esforços e ao saber do seu intelligente director, e que a collocam num lugar mui distincto entre as bandas suas congeneres.

Que taes!

«Já se tinham reunido quatro filhos d'esta terra para lhes dar uma lição bem dada, não com rethorica, mas a cacête.»

Allons enfants de la patrie... (musica da «Marselheza»)

Selvageria

Na noite de segunda-feira ultima, na praia d'Apulia, em frente á succursal do Hotel Vinagre, foram apedrejados, sem a menor provocação, por uns malandros d'aquella freguezia, os nossos patricios Joaquim A. Pereira, Arnaldo Braz, Joaquim da Cunha e Arnaldo Azevedo, sendo este facto presenciado por varios cavalheiros d'esta villa e outros individuos, que, indignados, verberaram esse reles e bestial procedimento.

Não nos surprehe isto, porque na Apulia são frequentes estes casos. Os habitantes da freguezia, na maior parte rudes e mal-encarados, recebem sempre com maus olhos a colonia balnear, apesar de lucrarem com a sua estada ahí.

A auctoridade administrativa compete providenciar, a fim de se evitar estes casos que muitas vezes podem ter consequencias graves.

Dizem-nos que os heroes de tal brutalidade são Adelino Fernandes Eiras, José Fernandes Agra e Roberto Antonio dos Santos.

A participação deve ser dada amanhã em Esposende.

«Entre parenthesis..»

«Quando falamos em senhores do «Circulo» e em órgão do «Circulo», referimo-nos, já se entende, a os

escreviuadores» e *acolythos* dos mesmos, que no numero 21 do *Deus e Patria* nos descomposeram com «termos grosseiros e palavras atrevidas.»

«Com escriptores como estes, que saltam por sobre a verdade para conseguir o seu perverso fim», não se pôde discutir, «porquanto temos a certeza de que o publico recto e sensato, continuando nós» a ligar importancia «a tão ingenuos e ineptos jornalistas», nos chamará «ainda mais tolos que elles.»

Facilmente se conclue que não pretendemos atacar o Circulo Catholico, e muito menos os directores e socios do mesmo Circulo, que não façam parte do referido jornal.

Uvas e vasilhas

Vendem-se as uvas da quinta de Beborido, em Gamil, e diversas vasilhas de diferentes tamanhos.

Para tratar com Francisco Garmona.

CARTEIRA ELEGANTE

Viagem:
Vimos aqui o sr. conselheiro Manoel Ignacio d'Amorim Novaes Leite.

—Retiraram da povoia de Varzim os srs. Manoel Ramos de Paula e Manoel Luiz de Miranda e familias.

—Regressaram da praia d'Apulia os srs. Antonio Gomes da Cunha Guimarães, Mathias Gonçalves da Cruz, Manoel de Faria e esposa e Manoel Gonçalves Vieira d'Azevedo.

—Foram para a mesma praia, com suas familias, a sr.ª D. Rachel Lemos e o sr. Antonio Ramos, deservido de fazenda em Vallongo, nosso patricio.

—Encontra-se em Azatara, com sua familia, o sr. Augusto Teixeira de Mello.

—Estiveram na praia d'Apulia os srs. João Botelho da Silva Cardoso e familia, Acacio Coimbra, João dos Santos Ferrero, Julio Faria, Arnaldo Braz, Joaquim Dias da Cunha e Secundino Esteves.

—Regressou a esta villa o sr. Francisco Velloso Barreto.

—Esteve nesta villa o sr. José Cardoso, director do Banco de Portugal.

—Está entre nós o sr. Gonçalo Pereira.

—Regressaram d'Apulia, com suas familias, os srs. Antonio Augusto d'Almeida Azevedo e João Carlos Coelho da Cruz.

—Esteve nesta villa o sr. dr. Eduardo Carvalho, juiz de direito d'Espozende.

—De regresso d'Apulia, esteve nesta villa o sr. Amorim Mendonça, chefe da policia de Braga.

—Encontra-se n'aquella praia o sr. conselheiro padre Domingos José de Souza.

Aniversarios natalicios

Fazem annos:
Hoje—a sr.ª D. Maria Palmira Vieira de Castro Lemos e o sr. Francisco Fogaca.

—No dia 16—os srs. José Martins de Faria e Francisco José Ferreira de Faria.

ANNUNCIOS

Estabelecimento de Ferragens

— de —

Manoel Alves Coutinho

CAMPO DA FEIRA, 90

Encontra-se n'esta casa um grande sortido de todos os artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Preços sem competencia.

ESCOLA MUNICIPAL

DE

Instrução secundaria

Na secretaria da Camara Municipal está aberta matricula, desde o dia 5 do corrente até ao fim do mez, para os alumnos que desejem frequentar aquella escola.

Na escola lecionam-se disciplinas do curso geral dos lyceos, até á quinta classe e, bem assim, as que dizem respeito ao curso dos seminarios ou quaesquer outros cursos.

O Director,

Antonio Martins de Sousa Lima.

JOÉ MOREIRA DOS SANTOS FERREIRA

SUCCESSOR DE SEU PAE BENTO JOSÉ MOREIRA

Premiado nas exposições municipales de Barcellos com as medalhas de cobre (1889) Vermil—1.º premio (1903) e Ouro (1904)

Casa fundada em 1868

RUA D. ANTONIO BARROSO E TRAVESSA DA MESMA

BARCELLOS

Officina e deposito de sapataria e tamancaria, com grande variedade de artigos. Chancas de Penafiel e do Porto. Chapens de feltro flexiveis, de coco e de palha; tomam-se encomendas de chapens de todos os formatos e qualidades; aceitam-se para concertos; ha sempre figurinos no rigor da moda. Sapatos de liga, pellica, feltro e ourêlo. Alpercatas. Guarda-soes de seda e de merino.

O proprietario d'esta casa participa aos seus amigos e freguezes que—pela muita abundancia de trabalho—acaba de adquirir pessoal necessario para o auxiliar no desenvolvimento do seu commercio e officina, achando-se, actualmente, habilitado a poder cumprir, com promptidão e perfeição, qualquer encomenda que lhe seja feita.

Tem, portanto, o pessoal necessario e habilitado para poder satisfazer todos os pedidos que lhe forem feitos, tanto em obra nova como em concertos.

Em 48 horas, sendo necessario, compromette-se a fornecer uma qualquer encomenda, obra perfeita e garantida.

Deposito de moveis e colchoaria

— DE —

VUVA MARINHO & SILVA

RUA D. ANTONIO BARROSO, 42 A 46—BARCELLOS

N'este bem montado estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda mobilias completas para sala de visitas, de mogno ou ceregeira, para sala de jantar, de nogueira, e para quarto, de mogno, camas á franceza, guarda-vestidos, ditos com espelho, lavatorios, guarda-louças, commodas, meias commodas, mezas de cabeceira, cadeiras, mezas, etc.

Tambem tem um grande sortido de mobilias de ferro, como camas e lavatorios; serviços de zinco para quarto, assim como bacias de diferentes tamanhos.

Grande deposito de colchões de todas as dimensões. Tambem se fazem por medida, á vontade do freguez e com a maxima promptidão.

Preços sem competencia

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA SOUCASAUX

OFFICINA
JUNTO AO CAFÉ MATTOS

O MAIOR DEPOSITO DE IMPRESSOS DO NORTE
DE PORTUGAL

PAPELARIA
JUNTO AO CAFÉ PAULA

Depois de termos desenvolvido em Barcellos a typographia em condições de satisfazer ás necessidades da terra—que precisava recorrer a extranhos para tudo que dissesse respeito a trabalhos da arte— fomos mais longe ainda, estendemos a esphera da nossa acção a todas as terras do Minho e, assim, do nosso deposito de impressos, sortimos hoje—sobretudo dos môdelos do fóro—os escriptôes, notarios, delegados, etc. de Braga, Vianna, Villa Verde, Ponte do Lima, Barca, Arcos, Monsão, Melgaco, etc. Como se isto não fosse sufficiente, fomos mais além: eriamos o gosto e necessidade das facturas, dos envolveros, dos cartões impressos, a que hoje, garantimol-o, nem sequer é alheio o mais humilde

profissional de Barcellos! Temos machinas para: picotar recibos, para cortar papel, para tirar cravação, para imprimir cartões, etc. Actualmente negociamos a compra de uma machina rotativa, do typo mais perfeito que está produzindo a industria moderna, com a qual contamos fazer trabalhos completamente acabados.

A obra estava incompleta, havia alguma coisa que faltava: a **papelaria**, que acompanhasse o progresso da officina typographica. Animados, pois, da melhor das vontades, n'um dos melhores pontos da villa estabelecemo-nos com essa especialidade, de maneira a satisfazer áhi os mais exigentes.

Impressos: Tudo, tudo quanto diga respeito á arte typographica o fazemos e limitamos os nossos preços de forma a não dar direito que ninguém vá fóra da terra proteger industria similar. Eis a nossa divisa: «perfeito, rapido e barato».

Deposito de impressos: É o maior do Norte de Portuga—destinado a parochos, confrarias, juntas, de parochia, fiscaes dos impostos, militares, escriptôes de direito, no-

tarios, delegados, etc. Temos **processos de contas e orçamentos** para juntas e confrarias organizados conforme a lei, e que vendemos a 60 reis!

Agencia de publicações: Estamos já em relação com as principais casas editoras do paiz, achando-nos habilitados a mandar vir qualquer obra litteraria, scientific, etc. sem com isso agravarmos o preço indicado n'ella.

Ceramica: Temos á venda a do typo da Baviera. Ha uma diversidade de le peças interessantes, a esculpturadas, em lotes de 20, 60, 70, 80, 100 reis e mais preços. Breve contaremos em deposito a typo das Caldas da Rainha, que ambos se fabricam n'este concelho.

Livros escolares: Possuimos todos os adoptados pela nova reforma.

Papelaria: Sortimento completo de papeis e livros para commercio e aprestos para escriptorio e desenho. Caixas de papel e envelopes, a principiar em 160 reis! Jogos de regoas. Papellão.

Chromos: Rica collecção de chromos, alguns dos quaes constituem o mais interessante, o mais artistico typo para brindes com indi-

cações para: Bons annos, Felicitação, Amizade, etc.

Cacau puro, que substitue economicamente o café e o chocolate, não tendo o inconveniente d'estes, pois nem é irritante nem produz embaraços gastricos, sendo de uma bebida agradável ao paladar, aromatica e muitissimo alimentar. Basta uma simples colher de chá, deitada em leite ou agua a ferver.

PASTELARIA E CONFEITARIA CONFIANÇA

EE

MANOEL JOAQUIM DUARTE SALVAÇÃO

13 E 15, RUA DIREITA, 17 E 19 — BARCELLOS

É uma das primeiras confeitarias n'esta villa, com numerosa freguezia, não só n'esta localidade como em Lisboa, Porto, Braga e Vianna do Castelo, etc., para onde exporta a miude a

Especial laranja de doce de Barcellos

magnifico pão de ló, pasteis de massa e carne, queijadinhos e outras variedades. A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza e sendo o seu fabrico de primeira qualidade.

Esta casa é a primeira n'este genero.

Premiado com a medalha de prata

Deposito de vinhos finos e do douro, qualidades espedaes. Conservas. Azeitonas em latas. Mostarda franceza. Doce de calda. Bolachas finas de Lisboa e Porto, e mais artigos que é difficil enumerar.

Especial café do Rio e Ilhas, em pacotes e avulso.

N. B.—Esta casa não faz doce para vender em romarias, sendo o seu fabrico especial.

CURSO NOCTURNO

Instrução Primaria — 1.º e 2.º grau

Curso elementar do commercio, Português, francês, noções de geographia geral e historia patria, arithmetica pratica e noções de escripturação mercantil.

A matricula achá-se aberta no «Externato Barcelense»—Rua Direita, 27.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Assignatura extraordinaria

A empresa proporciona uma assignatura extraordinaria a preços tão reduzidos que a aquisição da **Illustração Portuguesa** fica d'este modo assombrosamente economica.

O «Seculo», a «Illustração Portuguesa» e o «Supplemento Humorístico do Seculo» assignam-se, em globo, pelos seguintes preços:—98000 reis por anno—48500 por semestre—25270 por trimestre—750 por mez.

Assignatura ordinaria

Portugal, ilhas e ultramar — Anno, 85000 reis; semestre, 45000; trimestre, 25000.

Brazil—Anno, 525000 rs. francos; semestre, 305000 rs. francos

Territorio da União Postal—Anno, 10:000; semestre, 5:500

Numero avulso 200 reis

A venda em Lisboa, na sede da Empresa, rua Formosa, 43, e em todas as tabacarias e livrarias; no Porto: Tabacaria Arnaldo Soares; e em todas as terras do paiz, nas agencias da Empresa d'«O Seculo».

OFFICINA DE CARPINTERIA

DE

MANOEL RODRIGUES DA CRUZ LIMA

Campo de D. Luiz 1.º Barcellos

Soalhos aparelhados de 300 reis o mais preços o metro quadrado.

Esquadrias de castanho, succo, Pitch-Pino e pinho de terra, a principiar em 650 reis e mais preços o metro quadrado, segundo o desenho de figura.

Esta officina é a unica que em Barcellos pôde construir mais rapidamente, offerecendo, aos proprietarios mais vantagens, porque tem sempre material prompto para construcções.

Executam-se com a maior perfeição, e segundo os ultimos desenhos architectonico, construcções com a maior rapidez possivel e por preços muito convidativos, tanto de empreitada como a jornal.

O proprietario d'esta carpinteria tem tambem, em armazem, grande quantidade de madeiras de todas as qualidades, que vende por preços limitadissimos.